



Relatório sintético Obra de Restauração do Palácio Itaboraí – Petrópolis

Rosana Soares Zouain

Arquiteta do Departamento de Patrimônio Histórico

Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz

Novembro/ 2011

1. Introdução

O Palácio do Itaboraí foi construído em 1892, na cidade de Petrópolis, pelo engenheiro e construtor italiano Antonio Jannuzzi, para ser sua residência de verão. A edificação foi tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 14 de janeiro de 1982. Após abrigar usos diversos ao longo do tempo, em dezembro de 1998, foi concedida à Fundação Oswaldo Cruz a cessão de uso do imóvel e a partir de 2006 foram realizadas as obras de restauração na edificação, executadas em quatro fases, concluídas em 2011.

2. O arquiteto

Antonio Jannuzzi chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1874 onde abriu a firma *Antonio Jannuzzi & irmão*, dando início a uma próspera carreira de construtor e projetista. Entre as décadas de 1880 e 1930, o escritório projetou e construiu inúmeras edificações no Rio de Janeiro, dentre as quais o Templo Metodista, no Flamengo (1886) (figura 1), o Moinho Fluminense, na Saúde (1887) (figura 2), a residência Modesto Leal, em Laranjeiras (1895) (figura 3), o Trapiche J Leopoldo Leal (1896), atualmente conhecido como Trapiche Modesto Leal, a sua residência na rua Monte Alegre, em Santa Teresa (década de 1890), a Società Italiana de Mutuo Socorro, na Praça da República (1907), o antigo Hospital das Crianças, na Cidade Nova (1907), uma vila de casas de aluguel, na Tijuca (1911), a residência Villa Maurina, em Botafogo (1914), todos ainda remanescentes. (GRIECO, 2005).



Figura 1: Templo Metodista - Flamengo (1886)
Fonte: Grieco, 2005: p. 6 e 7



Figura 2: Moinho Fluminense - Saúde (1887)
Fonte: Grieco, 2005: p. 6 e 7



Figura 3: Residência de Modesto Leal, em Laranjeiras (1895)
Fonte: Grieco, 2005: p. 6 e 7

Com a abertura da Avenida Central em 1904, a firma ganhou ainda mais projeção passando a ser reconhecida como uma das maiores construtoras da avenida, sendo responsável pelas principais demolições para a abertura da via e pela execução projetos de várias edificações que ali foram instaladas. (GRIECO, 2005).

A atuação de Antonio Jannuzzi se estendeu a outras cidades do Estado do Rio de Janeiro, com destaque para os projetos executados em Petrópolis e Vassouras. Segundo

Grieco, além do projeto e construção de sua residência de verão em Petrópolis, Jannuzzi também foi responsável pelas obras do Palácio do Barão do Rio Negro (década de 1890) (figura 4), do Palacete Raul de Carvalho (década de 1890) (figura 5) e do Palácio Koeller (antigo Palacete Candido Gaffrée, do final do século XIX). Ainda segundo a autora, “apesar de adotarem estilos variados, estas edificações seguem a tradição de composição clássica, com implantação similar, em centro de terreno, volumes compactos e partido de linhas sóbrias”. (GRIECO, 2005: p. 24)



Figura 4: Palácio do Barão do Rio Negro, Petrópolis (década de 1890)
Fonte: <http://www.facebook.com/pages/Petropolis-Brazil/Palacio-Rio-Negro/139873312713079#!/album.php?aid=19710&id=139873312713079>



Figura 5: Palacete Raul de Carvalho
Fonte: Grieco, 2005: p. 25 (década de 1890)

3. O edifício

O Palácio Itaboraí - como passou a ser denominado o Palacete Jannuzzi a partir de 1939 em homenagem ao Visconde de Itaboraí - é uma construção eclética que utiliza elementos da arquitetura neoclássica renascentista em sua ornamentação. A edificação se situa na parte mais elevada do terreno de onde se destaca como elemento central do conjunto formado ainda pelos jardins e por edificações anexas construídas na década de 1940, uma para abrigar a casa do caseiro e outra para ser utilizada como garagem e apoio à piscina.

O projeto original (figura 6) se caracteriza por uma rigorosa simetria. No entanto, ainda durante sua construção, foi acrescido um novo bloco para abrigar as áreas de serviço da residência, tornando a edificação assimétrica. O edifício possui dois pavimentos e os acessos principais são realizados por escadarias de mármore que conduzem às varandas situadas na parte central das fachadas de frente e de fundos.

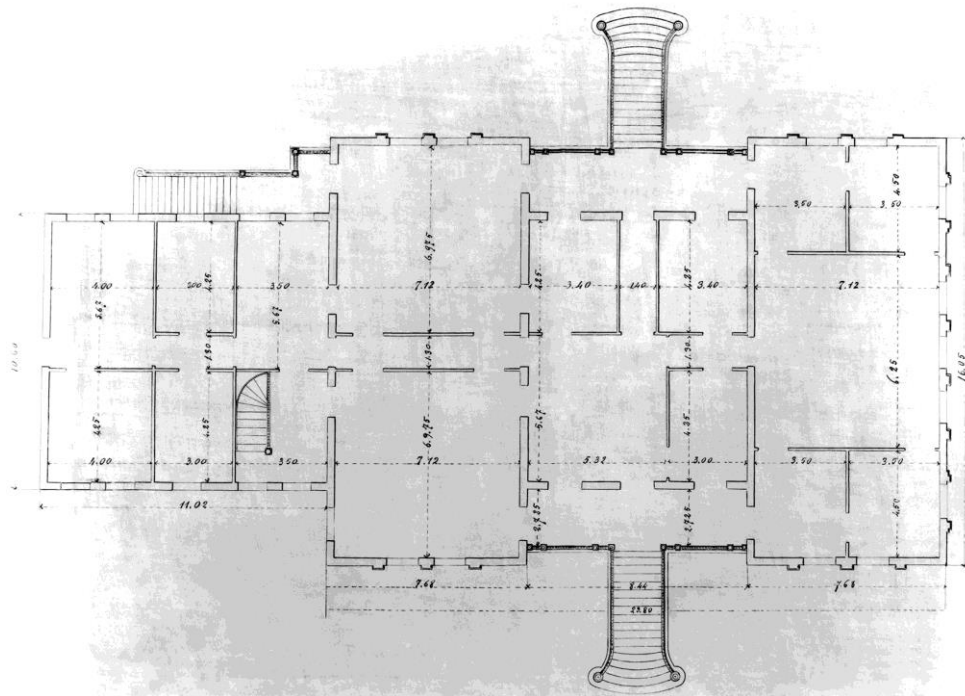


Figura 6: planta baixa com o bloco de serviço acrescido na construção
Fonte: arquivo do Museu Imperial de Petrópolis (sem data)



Figura 7: vista geral da residência

Fonte: arquivo do Museu Imperial de Petrópolis (sem data)

Ao longo do tempo, a edificação abrigou diferentes usos sofrendo adaptações que modificaram o projeto original: sede do Colégio Americano de Petrópolis (entre 1895 e 1920), Instituto La-Fayette (1923), Universidade de Petrópolis (1935 a 1938), residência de verão dos governadores do estado (de 1939 até 1979) e sede de repartições estaduais (uso que abrigou até 1998). Aliado aos usos não compatíveis com a morfologia original, a falta de manutenção adequada e os períodos de abandono contribuíram para aceleração do processo de degradação de seus materiais. Segundo matéria divulgada em 15 de dezembro de 1991 no jornal Tribuna de Petrópolis, “desde 1988 a Imprensa local vem questionando os maus tratos sofridos pelo Palácio Itaboraí, mas até hoje não se tem notícias de que o prédio sofrerá alguma reforma. A cada ano, a deterioração tende a aumentar, uma vez que nem um funcionário para pequenos serviços de manutenção existe por lá.”

A alteração mais significativa na arquitetura do Palácio aconteceu na década de 1940, quando passa a ser utilizada como residência de verão dos chefes de Estado. Nesse período, houve uma ampliação no bloco que torna a construção assimétrica para que fossem acrescentadas dependências de serviço, banheiros, escada e cozinha (figuras 8 a 16).



**Figura 8: Fachada frontal: nota-se, no lado esquerdo da foto, o volume construído na década de 1940.
Fonte: acervo DPH/COC (2001)**



**Figura 9: Fachada posterior: em primeiro plano o volume construído na década de 1940.
Fonte: acervo DPH/COC (2001)**



Figura 10: Fachada lateral – noroeste: nota-se em primeiro plano o volume acrescido na década de 1940 para abrigar a cozinha e dependências de serviço. Foi construída uma escada para acesso ao terraço e uma chaminé para a coifa do fogão.
Fonte: acervo DPH/COC (2001)



Figura 11: salão principal pavimento superior antes da restauração
Fonte: acervo DPH/COC (2001)



Figura 12: sala pavimento superior antes da restauração
Fonte: acervo DPH/COC (2001)



Figura 13: escada de acesso ao 1º. Pavimento
Fonte: acervo DPH/COC (2001)



Figura 14: Imagem cozinha pavimento térreo
Fonte: acervo DPH/COC (2001)



Figura 15: sanitários
Fonte: acervo DPH/COC (2001)



Figura 16: sanitários
Fonte: acervo DPH/COC (2001)

4. O projeto de intervenção

O Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz iniciou em 2001 os estudos para subsidiar o projeto de intervenção no edifício. Foram então realizadas pesquisas históricas além do levantamento arquitetônico e do estado de conservação do prédio e elaborado um diagnóstico que serviu de base para a formulação dos critérios de intervenção que nortearam o projeto proposto.

Segundo os autores do projeto de intervenção, o objetivo foi “a recuperação da integridade física e estética da edificação e a adaptação de seus espaços ao uso contemporâneo.” (FRANQUEIRA, 2010) Ao elaborar o projeto, optou-se por duas formas diferentes de intervenção de acordo com a divisão do edifício em duas alas distintas: denominou-se “ala antiga” o bloco simétrico que remete ao projeto original de Jannuzzi e “ala nova” tanto o bloco adicionado ainda na construção da residência quanto o prolongamento desse volume, construído na década de 1940.

Na ala antiga, a proposta foi a remoção das adições feitas ao longo dos anos, postura justificada pela equipe com o argumento de que esses acréscimos não foram executados com qualidade construtiva compatível com o padrão adotado na edificação original (figuras 17 e 18). Assim, foi demolida a parede de tijolos que dividia um dos salões, os banheiros, a escada de acesso ao 1º. pavimento e a sacada existente em um dos salões dos fundos. Nos documentos levantados pelo departamento não há registros das datas em que esses acréscimos foram executados.



Figura 17: Demolições dos acréscimos da ala antiga – 1º. Pavimento
Fonte: acervo DPH/COC (2006)



Figura 18: Demolições dos acréscimos da ala antiga – 1º. Pavimento
Fonte: acervo DPH/COC (2006)

A partir daí, foi iniciado o trabalho de tratamento dos materiais existentes, com substituição das peças deterioradas e recuperação dos revestimentos originais. O piso de madeira que revestia os salões do pavimento térreo, apodrecido devido à intensa umidade existente nesse nível da construção, teve que ser substituído. A umidade causou ainda danos às esquadrias e a desagregação das argamassas das paredes até uma altura de 1,00m do piso nesse nível. Para solucionar o problema, além da execução da drenagem do terreno no entorno do Palácio, foi construída uma galeria de ventilação abaixo do nível do piso interno, possibilitando a evaporação da umidade acumulada nas fundações e nas paredes (figuras 19 e 20). Sobre as galerias, foi executado um barroteamento para colocação do novo assoalho de madeira.



Figura 19: execução câmaras de ventilação para tratamento da umidade interna.
Fonte: DPH/COC (2007)



Figura 20: detalhe tubo para ventilação interna
Fonte: DPH/COC (2007)



Figura 21: galeria interna de tratamento da umidade
Fonte: DPH/COC (2007)



Figura 22: Finalização da galeria interna
Fonte: DPH/COC (2007)

Na ala denominada “ala nova”, também foram removidos os acréscimos adquiridos ao longo do tempo, mas, nesse caso, a equipe optou pela utilização de materiais contemporâneos nos revestimentos dos pisos e paredes. Além disso, essa ala recebeu as novas instalações sanitárias, o elevador, instalado dentro de uma caixa de vidro, e escada de acesso ao 1º. pavimento, construída em estrutura metálica e madeira com guarda-corpo em

vidro. Os ambientes ocupados pela cozinha e demais dependências de serviço, acrescidos na década de 1940, foram demolidos para abrigar um auditório com suas respectivas salas de apoio (figuras 23 e 24). No terraço existente no nível acima do novo auditório, foi projetado um salão para as mesas da cafeteria (figura 26). Esse espaço ganhou esquadrias e cobertura em estrutura metálica e vidro. Foram feitas aberturas na parede da fachada noroeste para ampliar o acesso ao espaço do terraço (figuras 25 e 26).



Figura 23: Demolições na escada externa.
Fonte: acervo DPH/COC (2007)



Figura 24: construção do auditório e terraço.
Fonte: acervo DPH/COC (2007)



Figura 25: Abertura de vãos na fachada lateral
Fonte: acervo DPH/COC (2008)



Figura 26: Abertura de vãos acesso terraço
Fonte: acervo DPH/COC (2008)



Figura 27: Abertura de vãos na parede da fachada lateral
Fonte: acervo DPH/COC (2008)



Figura 28: demolição de trecho da laje para execução da circulação vertical. Fonte: DPH/COC (2008)



Figura 29: abertura de vãos para o terraço. Fonte: DPH/COC (2008)



Figura 30: Cobertura do terraço.
Fonte: DPH/COC (2010)

Tanto na ala nova quanto na ala antiga, foi contratado um minucioso trabalho de prospecções pictóricas, realizado pela empresa Arte Memória, para definir as cores das paredes, tetos e esquadrias (figura 31).



Figura 31: Prospecções pictóricas
Fonte: DPH/COC (2007)

Antes do início dos serviços de recuperação dos revestimentos em argamassa das paredes internas e externas foi feita a análise laboratorial da sua composição. Foram então removidas as argamassas executadas nas diversas intervenções ao longo dos anos e a argamassa original à base de cal foi recomposta. Sobre essa base, foi aplicada a pintura de cal para, segundo justificativa do relatório técnico da obra, possibilitar a recuperação da pintura de acordo com a original. Além disso, “a caição é a melhor opção para a edificação, pois permite que as alvenarias respirem, reduzindo a concentração de umidade localizada e ascendente.” (FRANQUEIRA, 2010). Os ornamentos das fachadas foram restaurados através da remoção das camadas de pintura e massa e preenchimento das lacunas através da execução de moldes (figura 32).



Figura 32: Recuperação dos ornamentos da fachada
Fonte: DPH/COC (2007)

A restauração do telhado foi feita após a execução do escoramento. Foi então feita a retirada das telhas e a limpeza do madeiramento com o uso de aspirador de pó para possibilitar a avaliação do estado de conservação das peças (figura 33). As peças danificadas foram substituídas, foram executados reforços adicionais em algumas tesouras e foi feito o tratamento contra xilófagos nas peças antigas e novas (figura 34). Uma passarela de estrutura metálica foi instalada para facilitar o acesso para a manutenção do telhado (figura 35).



Figura 33: Remoção das telhas e lavagem



Figura 34: Telhado limpo em fase de inspeção e troca de madeiramento



**Figura 35: Passarela metálica instalada no entreferro do telhado.
Fonte: DPH/COC (2007)**

Ao final das obras de restauração, foi elaborado um projeto de interiores para ambientação do Palácio Itaboraí para abrigar o Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde, um programa da Presidência da Fundação Oswaldo Cruz. A inauguração oficial aconteceu em 18 de outubro de 2011.

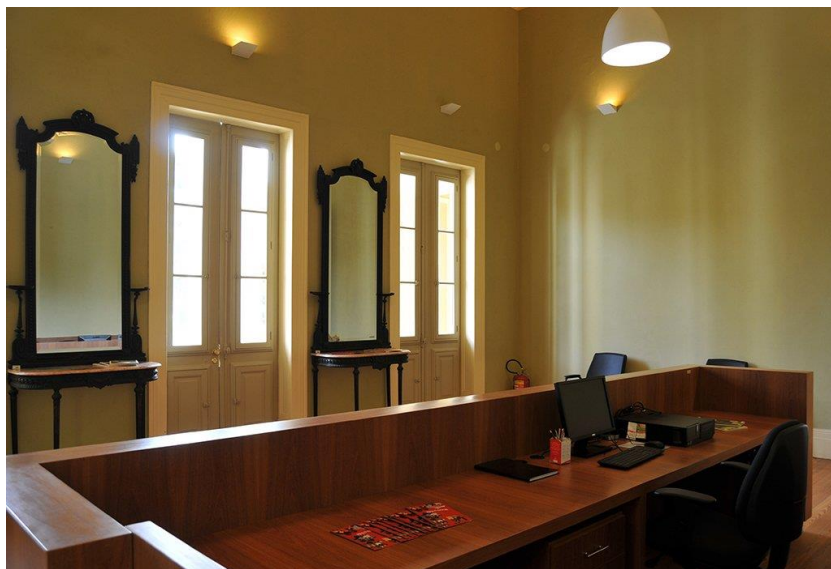


Figura 36: Recepção
Foto: Roberto Jesus Oscar



Figura 37: sala de reuniões
Foto: Roberto Jesus Oscar



Figura 38: Auditório
Foto: Roberto Jesus Oscar



Figura 39: cafeteria
Foto: Acervo COC/ Fiocruz

5. Referências Bibliográficas:

FRANQUEIRA, Márcia. Obra de Restauração do Palácio Itaboraí. Rio de Janeiro: Departamento de Patrimônio Histórico/ Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz. Relatório apresentado ao BNDES, 2010.

GRIECO, Bettina Zellner. A arquitetura residencial de Antonio Jannuzzi – Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2005. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ, 2005.